

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de Minas

Class.: 162

Data: 12/06/88

Pg.: _____

Bispo de Guanhanes acusa a Funai de saquear xacriabás

Arquivo/EM

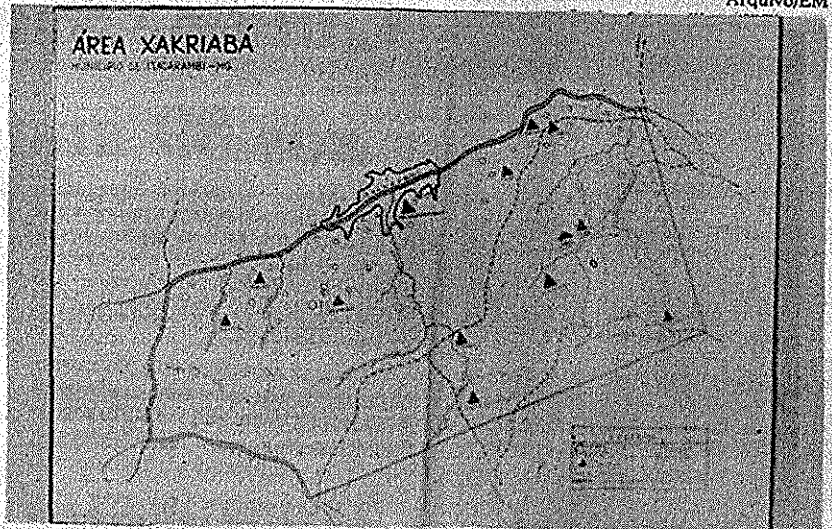
"A violência contra os índios continua e atinge proporções alarmantes, além de apresentar requintes de extrema perversidade". A opinião é do bispo de Guanhanes e membro do Conselho Indigenista Missionário — Cimi —, dom Antônio Felipe da Cunha, que em depoimento prestado à Comissão Parlamentar de Sindicância da Assembleia Legislativa sobre os índios Xacriabás acusou a Funai de estar saqueando as terras indígenas.

"A Funai, executora da política indigenista oficial" — disse o bispo —, "protagoniza iniciativas em todo o País, colocando-se na vanguarda do saque às riquezas das terras indígenas. Multiplicaram-se os contratos de venda de madeira a tal ponto que em Rondônia instalou-se uma CPI da Assembleia Legislativa local e a Procuradoria Geral da República determinou a instalação de inquéritos policiais para apuração dos fatos e fixação das responsabilidades. Incentiva-se o empreguismo, a cooptação e corrupção de lideranças indígenas, a destruturação de suas organizações e malbaratamento de recursos, ensejando críticas candentes à atual administração por parte do Tribunal de Contas da União".

Instalada no mês passado por proposição do deputado Raul Messias (PT), a comissão avalia a situação provocada pelos frequentes conflitos entre grileiros e os 4.500 xacriabás que vivem na reserva de São João das Missões, no município de Itacarambi, no Norte do Estado, onde três índios foram chacinados em fevereiro do ano passado numa invasão comandada pelo grileiro cearense Francisco de Assis Amaro, há 30 anos na região. Daquela época para cá, segundo o relato do bispo, a tensão na reserva é cada vez maior, seja pelas constantes ameaças dos grileiros ou em decorrência de conflitos dos índios com a própria Funai.

"A Funai decidiu construir uma cerca de 90 km em torno da área indígena" — lembrou dom Antônio Felipe da Cunha. "Oferecia apenas arame, ferramenta, grampos e alimentação para os trabalhadores da cerca no local do trabalho. Os índios deveriam conseguir a madeira e levantar a cerca. As famílias dos índios que trabalhassem na cerca ficariam em casa sem nenhuma ajuda. Naquele período houve uma grande seca na região e os pais de família precisavam trabalhar fora para conseguir o alimento de seus filhos. Os índios que se negavam a participar do trabalho gratuito eram ameaçados de expulsão da área".

Depois de relatar várias violências contra os xacriabás nos últimos dois anos — a maior parte delas envolvendo o cacique xacriabá Rodrigão, funcionário assalariado da Funai —, o bispo analisou a atuação do Cimi na área e suas cada vez mais tensas relações com a Funai. "A partir de janeiro de 1985 o Conselho Indigenista Missionário, órgão anexo à Conferên-



A área de reserva Xacriabá, motivo de tantos conflitos

cia Nacional dos Bispos do Brasil, iniciou um trabalho mais sistemático junto aos xacriabás. Ante a dramática situação de grilagem, de fome, de abandono em que se encontravam, sentimo-nos interpelados em nos comprometemos evangelicamente com aqueles nossos irmãos. E, com eles, pudemos sentir de perto o peso da perseguição e da calúnia".

Começou aí, também, afirma o bispo de Guanhanes, o problema do Cimi com a Funai: "Procuramos manter frequentes contatos com a Funai, visando amenizar o problema. Contatos telefônicos quase que semanais e intensa troca de correspondência entre o Cimi e a Funai, além de visitas mútuas, foram realizados. Quando vimos todos os nossos esforços nesta área, e ante o dramático apelo dos índios, resolvemos tornar público o que se passava a nível interno na área xacriabá. A partir de então as perseguições da Funai se voltaram também contra os missionários" até resultar na proibição da entrada na reserva dos missionários do Cimi. "Tudo leva a crer que o afastamento dos missionários tem por objetivo, exatamente, permitir a invasão das terras dos índios sem o testemunho dos que estão comprometidos na defesa da vida dos povos indígenas" — avalia o bispo.

A ação da Funai na área foi sempre marcada de ambigüidades — afirma dom Antônio Felipe à comissão: "Com a chegada da Funai entre os xacriabás, sem dúvida que uma nova esperança surgiu entre os índios. Contudo, a sua prática se pautou pela ambigüidade. Se de um lado defendia os índios, do outro era relapsa nas suas obrigações legais. Essa é uma constatação feita já em 82 por antropólogos da própria Funai, após a visita à área. A demarcação da área xacriabá é o dado mais eloquente dessa ambigüidade. Foi demarcada em 1979 com apenas um terço da área a que os índios

tinham direito. A Funai entendia, assim, aos interesses dos fazendeiros que ficaram fora da demarcação. Assim eles poderiam conseguir empréstimos governamentais que condicionavam a aprovação do projeto a não-indígena em área indígena. Os grandes fazendeiros que ficaram dentro do perímetro demarcatório continuaram intocados e, até, ampliaram a grilagem. O então presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, acompanhado de grileiros, percorreu a área xacriabá sem se apresentar aos índios. E o que relatam Alceu Cotia Mariz, Maria Antonieta B. Oliveira e Maira Guiomar de Melo, antropólogos da Funai".

Enumerando várias ações do órgão que, segundo ele, resultaram em prejuízo dos xacriabás, como negligências em ações judiciais e um acordo imposto aos índios em outubro de 1986, forçando a volta à reserva de famílias de posseiros expulsos do local — alguns desses posseiros, diz ele, três meses mais tarde participaram da chamada de fevereiro —, o bispo de Guanhanes traçou um quadro pessimista da atual situação da reserva, com a quase ausência de assistência aos indígenas. São apenas três enfermeiros para os 4500 índios, espalhados em 46.414 hectares, todos eles sediados no posto da Funai e distantes cerca de 30 quilômetros de algumas aldeias, que nunca visitaram; apenas quatro professores também atendendo na sede do posto, muitas vezes dando aulas com conteúdos programáticos de enfoque anti-indígena; e uma assistência agrícola insuficiente por parte do órgão. O problema maior, entretanto, de acordo com dom Antônio Felipe Cunha, é a política divisionista implantada pela Funai na reserva, quebrando o poder tribal e incentivando os desentendimentos entre os próprios xacriabás com a cooptação de lideranças como a do cacique Rodrigão, hoje, funcionário da Funai e peça central de diversos atritos com os índios.